

“Cada um por si e Deus
contra todos”



Ficha Técnica

O enigma de Kasper Hauser
Cada um por si e Deus contra todos
O mistério de Kaspar Hauser

Elenco

Bruno S. - *Kasper Hauser*



Filho não pretendido de uma prostituta, Bruno S. foi espancado várias vezes pela sua mãe até aos 3 anos, acabando por ficar temporariamente surdo. Percorreu várias instituições de carácter mental até cerca dos 23 anos. Por volta dessa idade fugiu para nunca mais voltar a este tipo de instituição.

Apesar deste passado, Bruno dedica a sua vida a pintar e tocar que aprende por si próprio.

O realizador Werner Herzog viu-o num documentário - Bruno der Schwarze - Es blies in Jaeger Wohl in sein Horn (1970) e convidou-o para trabalhar com ele. Dessa colaboração resultaram os seus maiores desempenhos como actor em O enigma de Kasper Hauser (1974) e Stroszek (1977)

Como Werner Herzog disse, “era muito difícil trabalhar com ele. Às vezes, precisava de várias horas de berros antes de efectuar uma cena.

Filmes em que participou:

Long - lost and lay me down (1994)

Stroszek (1977) - Stroszek

“O Enigma de Kasper Hauser” (1974) - Kasper Hauser

Bruno the black - One day a hunter blew his horn

Walter Landengast - *Prof. Daumer*



Nasceu a 4 de Julho de 1899 em Viena, Austria
Morreu a 3 de julho de 1980 em Munique, Alemanha

Filmes em que participou

Nosferatu the vampyre (1979) - Doctor Van Helsing
Berlinger (1975)
“O Enigma de Kasper Hauser” (1974) - Prof.Daumer
Un Grosso ocello grigio azzurro (1971)
I love you, I kill you (1971)
"Jedermannstraße 11" -Tv series
Dark eyes of London (1961)
Na heiligen wassern (1960) - Kaplan Johannes
Jacqueline (1959)
Heimat, deine Lieder
Wetterleuchten um Maria (1957)
Hanussen (1955)
Mädchen vom Pfarrhof, Das (1955) - Sepp
Decision Before Dawn (1951) - Deserter
Doppelte Lottchen, Das (1950)
Theodor im Fußballtor, Der (1950)
Märchen vom Gl*uck (1949) - Ferraris
Hin und her (1948)
Triumph der Liebe (1947)
Ochsenkrieg, Der (1943)
Wunschkonzert (1940) - Schwarzopf

Brigitte Mira - *Empregada Kathe*



Nasceu a 20 de Abril de 1915 em Hamburgo, Alemanha.

Filmes em que participou

Willi und Windzors (1996) - Queen Mum
Süße der Fremden, Das (1996)
"Kanzlei Büeger" (1995)
Klippen des Todes (1993)
Schowmaster, Der (1993)
Spur führt ins Verderben, Die (1993)
Mörderische Entscheidung, (1991) - Mrs. Blondell
"Gesucht wird Ricki Forster" (1991) - Old Lou
Im Schatten der Angst (1988)
"Unternehmen Koepenick" (1986)
" Wicherts von nebeman, Die" (1986) - Conny
Tödliche Liebe (1986) - Mrs. Roth
Vicky und Nicky (1986)
Was zu beweisen war (1986)
Girl in a Boot - (1985)
Sigi, der Straßenfeger (1984) - Frau Niendorf
The Wild Fifties (1983)
Tod kommt durch die Tür, Der (1983)
Kamikaze 1989 (1982) - Personaldirektorin
Ab in den Sünden - Gerti
Leben im Winter (1982)
Murmel, Die (1982)
Zwei Tote im Sender (1982)
Nach Mitternacht (1981)
Lili marleen (1981) - Neighbor
Kein Reihenhaus für Robin Hood (1981) - Frau Meyerdierks
Primel macht ihr Haus verrückt (1981) - Frau Kulicke
"Berlin-Alexanderplatz" (1980) - Frau Bast
Fabian (1980) - Frau Hohlfeld
Frau gegenüber, Die (1978)
"Drei Damen vom Grill" (1977) - Margarete Faerber
Chinese Roulette (1976) - Kast

"Unternehmungen des Herrn Hans, Die" (1976)
"Geheimnisträger, Der (1976)
Satan's Brew (1976) - Walter's mother
Fear of fear (1975)
Mother Kusters Goes To Heaven (1975) - Mother Kusters
Fist Right of freedom (1975) - Shopkeeper
Like a bird on a wire (1975)
Jeder stirbt für sich allein (1975)
"O Enigma de Kasper Hauser"(1974) - Empregada Kathe
Fear eats the soul (1974)
1 Berlin-Harlem (1974)
The tenderness of Wolves (1973)
"Eighth hours are not a day" (1972) - Marions Mutter
Zwanzig Mädchen und ein Pauker: Heute steht die Penne kopf (1971)
Hotel by the hour (1970)
Der Partyphotograph (1968)
"Jedermannstraße 11" (1962) - Frau Lehmann
Ich kann nicht länger schweigen (1961)
Im Namen einer Mutter (1960)
Der Stern von Santa Clara (1958)
Wehe, wenn sie losgelassen (1958) - Mrs Knax
Und Abends in die Scala (1958)
So ein Millionär hat's schwer (1958)

Herbert Achternbusch - *Farmboy*



Nasceu a 23 de Novembro de 1938 em Munique, na Alemanha, com o nome de Herbert Schild.

Participou em diversos filmes como realizador, actor, produtor, argumentista, cinematógrafo, editor e técnico de efeitos especiais.

Gloria Doer - *Mãe - Hittel*



Participou em alguns filmes mas principalmente em séries de televisão.

Helmut Döring - *Little King*



Filmes em que participou

“O Enigma de Kasper Hauser” (1974)

Even Dwarfs Started Small (1971)

Alfred Edel - *Professor*



Nasceu a 12 de Março de 1932 em Frankfurt, Alemanha, e acabou por falecer no mesmo local a 17 de junho de 1993.
Participou em cerca de 36 filmes desde 1966 até 1992.

Florian Fricke - *Florian*



"O Enigma de Kasper Hauser" foi o único filme em que participou.

Andi Gottwald - *Young Mozart*



Assim como Florian, o único filme em que Andi participou foi "**O Enigma de Kasper Hauser**"

Michael Kroecher - *Lord Stanhope*



Filmes em que participou

The Unfish (1997)

Meeting Venus (1991) - Cashier

Der Galaxenbauer (1985)

"O Enigma de Kasper Hauser" (1974) - Lord Stanhope

Hans Musaeus - *o Homem*



Participou em apenas um filme, dedicando a sua carreira sobretudo a séries de televisão

Enno Patalas - *Padre Fuhrmann*



Trabalhou em diversos filmes como actor, realizador, assistente de câmara e duplo. O filme mais notabilizado em que participou foi "**O Mistério de Kaspas Hauser**"

Volker Elis Pilgrim - *Padre*



Participou em alguns filmes como actor mas notabilizou-se sobretudo como argumentista.

Volker Prechtel - *Hitel, o guarda da prisão*



Nasceu a 9 de Agosto de 1941 em Hopfen in Allgäu, Alemanha.
Morreu a 7 de Agosto de 1997. Participou em cerca de 20 filmes.

Clemens Scheitz - *Escrivão*



Participou em 4 filmes, todos eles realizados por Werner Herzog.

Willy Semmelrogge - *Director do circo*



Nasceu a 15 de Março de 1923 em Berlim, Alemanha. Acabou por morrer no mesmo local a 10 de Abril de 1984.
Participou em poucos filmes, dedicando-se mais às séries televisivas.

Kidlat Tahimik - *Hombrecito*



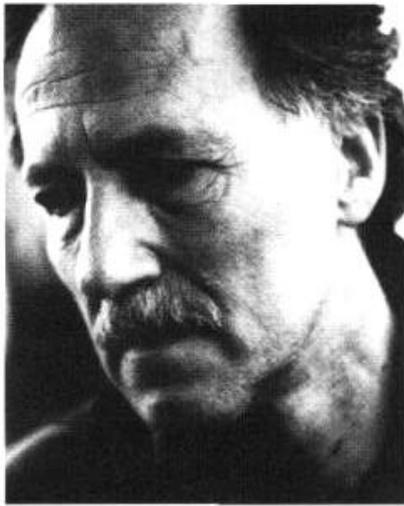
Participou em diversos filmes como actor e realizador.

Henry van Lyck - *Capitão de cavalaria*



Nasceu a 15 de Janeiro de 1941, notabilizou-se como actor no filme "**O Enigma de Kaspar Hauser**", o que lhe abriu as portas para uma carreira televisiva de sucesso.

Realizador - *Werner Herzog*



Werner Herzog nasceu a 5 de Setembro de 1942 em Munique. Cresceu numa pequena aldeia nas montanhas da Baviera. Depois do divórcio dos pais, mudou-se para Munique com a mãe onde estudou e completou o ensino secundário. Viajou pela Jugoslávia e pela Grécia (em 1956) e trabalhou uns meses em Manchester. Converteu-se ao catolicismo aos 16 anos.

Uma bolsa de estudo levou-o a Pittsburgh, Pennsylvania, mas desistiu após 3 dias e foi para o México. Durante a sua estadia no México, viveu, quer do contrabando de armas de mão ao longo da fronteira, quer como cavaleiro de 'rodeo'. A sua vida daqui em diante iria consistir em viagens e no acalantar de um desejo ardente: fazer filmes de forma independente. Para realizar esse sonho, trabalha dia e noite durante 2 anos numa fábrica.

O primeiro resultado apareceu em *Heracles* (1962), uma curta metragem onde surge como facto especialmente importante o carácter autónomo da sua produção. Em 1963 constituiu a "Werner Herzog Produktion" e com ela diversas curtas metragens : "*Spiel im Sand*" (1964), "*Die beispiellose Verteidigung der Festung Deutschkreutz*" (1966). Mas o verdadeiro criador Werner Herzog aparece com uma primeira longa metragem, "*Signs of Life*" (1967). Foi com esta obra que marcou a sua entrada no cinema Alemão e o reconhecimento dos mestres. Com ela recebe o Urso de Prata de Berlim 1968.

O seu repertório aumenta com a realização de "*Last Words*" (1967), "*Precautions Against Fanatics*" (1968), "*Die fliegenden A'rzte von Ost-Afrika* (1968-1969) e "*Fata Morgana*" (1969) que enriquece a sua filmografia com um colorido especial, o do documentário.

É por esta altura que aparece o filme escandaloso e controverso "*Even Dwarfs Started Small*" (1970). Trata-se de um filme que introduz um novo tema: a utilização de figuras marginalizadas. Esta tendência é particularmente confirmada em "*Land of Silence and Darkness*" (1970-71), uma íntima e generosa viagem ao universo solitário dos surdos-mudos.

O seu trabalho é reconhecido pelo grande público com o filme épico "*Aguirre, The Wrath of God*" (1972). Herzog revela-se como um realizador com uma alma privilegiada e singular. O actor Klaus Kinski revela-se também neste filme, formando-se assim um duo que vai permanecer em grandes obras deste realizador.

Em “The Great Ecstasy of the Sculptor Steiner” (1972), um filme sobre o êxtase, Herzog redescobre uma maior dimensão de si próprio. Esta descoberta irá influenciar o seu trabalho seguinte, “The Mystery of Kaspar Hauser” (1974). Com este filme Herzog não só provocou o mesmo fascínio que com “Aguirre”, mas também entrou numa outra esfera, a dos visionários e poetas, enriquecendo o seu repertório com uma peça magistral (Prémio Especial do Júri de Cannes 1975). Torna-se mais intimista e mais próximo do seu universo mental e sensitivo. Curiosamente, uma das principais influências desta descoberta foi o intérprete do filme, Bruno S., que lhe revelou o seu estranho carácter.

Depois de ter feito alguns documentários, “How Much Wood Would a Woodchuck Chuck” (1975-76), “Nobody Wants to Play with Me” (1976), “Heart of Glass” (1976), “La Soufrière” (1976), “Huie’s Sermon” (1980), “God’s Angry Man” (1980), e alguns filmes como “Stroszek”, “Nosferatu” (1978), “Woyzeck” (1978) e “Fitzcarraldo” (1981-82) premiado em Cannes em 1982 com o Prémio de Melhor Realizador, construir uma reputação ambígua, tanto de génio, como de louco megalomaniaco. Foi acusado de ser causador de inúmeras mortes e de promover o desprezo pela dignidade humana.

Continuou a trabalhar de forma agora mais discreta realizando “Ballad of the Little Soldier” (1984), “Where the Green Ants Dream” (1984) e “The Dark Glow of the Mountain” (1984), trabalhos mais íntimos e pessoais. Em 1987 realiza “Cobra Verde” que marca o seu regresso ao filme épico sobre grande figuras e encerra a sua colaboração com Klaus Kinski.

Após esta fase, uma série de documentários parecem marcar o declínio do realizador e o seu desaparecimento virtual. Realiza ainda “Wodaabe” (1989), “Echoes from a Somber Empire” (1990), “Scream of Stone” (1991) que é o seu último trabalho de ficção, “Iag Mandir” (1991) e “Lesson of Darkness”.

Poucos anos de silêncio bastaram para que caísse no esquecimento, ele que tinha sido tão polémico pela sua ‘turbulência’ cinematográfica. Mudou-se de Munique para Viena.

E se agora a grande ficção está ausente no seu repertório, foi para privilegiar o documentário, a realização de espectáculos de cabaret (Teatro Hebbel em Berlim em 1992, Ópera Cómica de Paris em 1993), mas sobretudo para levar à cena óperas como “Doctor Faustus” e “Joan of Arc” (1985), “Lohengrin” (1987 e 1991), “A Flauta Mágica” (Catânia 1991), “La Femme du lac” (La Scala 1992) e “Le Vaisseau Fantome” (Ópera da Bastilha 1993). Digamos que, com a ópera, encontrou uma forma grandiosa para ‘transformar o Mundo em Música’.

Para lá do Herzog amante da ópera e do Herzog realizador de cinema cujo trabalho alcança a essência humana e universal, ele é também um escritor. As suas palavras, como os seus cenários e as suas imagens, são luminosas e ‘inoportunas’.

O Enigma de Kaspar Hauser

Produção:

Werner Herzog

Banda Sonora:

Tomaso Albinoni
Wolfgang Amadeus Mozart
Johann Pachelbel
Orlando di Lasso

Editora:

Martha Lederer
Beate Mainka-Jellinghaus

Design de produção:

Henning von Gierke

Adereços:

Ann Poppel
Gisela Storch

Companhias de produção:

Werner Herzog filmproduktion
Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF)

Duração: 110 minutos

País: Alemanha Ocidental

Língua: Alemã

Cor: Cores

Prêmios cinematográficos:

Grande prêmio do júri no festival de Cannes em 1975.

No festival de filmes alemão em 1975:

- Faixa de Ouro nas categorias de edição e design de produção.
- Faixa de prata (com uma compensação monetária para execução de um novo filme).

Resumo

A Preocupação principal de Herzog é a contar histórias tão fielmente quanto possível. Nas suas próprias palavras *“Os meus filmes nascem de uma fascinação muito forte, e eu sei que vi que coisas que outros ainda não viram, que outros não sabem. Isto é o que quero tornar visível para as outras pessoas. É uma necessidade de comunicar. Muito forte e muito viva”*. Fazer um resumo de um dos seus filmes, neste caso, **“O enigma de Kaspar Hauser”**, acaba pois por consistir em contar o que aconteceu a Kaspar Hauser, *“A criança que não foi totalmente privada da presença dos outros, mas que no entanto viveu afastada do mundo, no silêncio e na noite da sua prisão.”*

Kaspar Hauser é revelado ao mundo a 26 de Maio de 1828, cerca das cinco horas da tarde, quando surge na Unschlittplatz de Nuremberga. Usava nesse dia um chapéu de feltro guarnecido a couro vermelho, um cachecol de seda preta, casaco desbotado, camisa de tecido espesso, calça cinzenta de pano grosseiro e botas reviradas e com ferraduras nas solas. No bolso tinha um lenço com as suas iniciais, várias orações católicas manuscritas, opúsculos, um rosário e ouro em pó. Segurava na mão uma carta dirigida a “Sua Excelência o Capitão de Cavalaria do 4º Esquadrão do 6º Regimento de Nuremberga”. A carta dizia, em resumo, o seguinte: “Este rapaz quer fazer o serviço militar. A mãe mandou-o para minha casa. Nunca o deixei sair. Ensinei-lhe a ler e a escrever. Levei-o a Nuremberga à noite... A criança está baptizada e chama-se Kaspar. Nasceu a 30 de Abril de 1812”.

Kaspar tinha 17 anos, os seus olhos estavam avermelhados e pouco habituados à luz e a pele da sola dos pés era muito suave e macia. Reproduzia verbalmente o seu nome e algumas expressões cujo significado desconhecia pois usava-as em situações díspares, tais como “quero ser um cavaleiro tal como o meu pai”. Também sabia reproduzir o seu nome por escrito. Só conseguia comer pão e beber água. Poder-se-ia dizer tratar-se de uma criança com apenas 3 anos de idade dentro do corpo de um homem.

Foi primeiramente conduzido para uma torre reservada aos vagabundos onde permanecia todo o dia sentado no chão, com as pernas estendidas. Adormecia ao pôr-do-sol e acordava com o romper da aurora. Não manipulava objectos de outra forma que não fosse entre o polegar e o indicador. Mal sabia andar e quase não produzia ruído, a não ser quando tinha medo. Neste caso, chorava e gritava. Os seus comportamentos rapidamente chamaram a atenção da população que acudia à prisão para o admirar como se de uma atracção de circo se tratasse. Por esse motivo, acabou por ser remetido para um circo onde era apresentado como “um dos quatro enigmas universais”.

Foi neste circo que Kaspar foi descoberto por Daumer, um professor que acabou por o levar para sua casa onde durante dois anos fez rápidos progressos. Foi habituado à alimentação carnívora o que aumentou as suas forças. Deixou de brincar e passou a desenhar. Aprendeu a montar a cavalo. A marcha tornou-se-lhe mais firme e os sentimentos definiram-se melhor. Passou a apreciar particularmente dormir numa cama. No entanto tinha horror às novidades e conservava várias fobias às cores. Todos os cheiros lhe eram desagradáveis excepto o do pão e do anis.

Foi adquirindo uma ideia mais clara de si próprio à medida que foi avançando na aprendizagem da fala. Compreendia que não era como todos os outros. Perguntava várias vezes porque não tinha pais. Rejeitava a ideia de se tornar um homem e embora chegasse a admitir a hipótese de casar, não parece ter entendido a natureza amorosa deste facto, atribuindo à possível companheira apenas o papel de dona de casa.

Apresentava muitas dificuldades a avaliar correctamente distâncias e não tinha qualquer noção de perspectiva. Confundia muitas vezes o sonho com a realidade. Com o decorrer do tempo, recebeu lições de cálculo, aprendeu latim e música (em especial, piano). Manteve-se no entanto abúlico, calmo, sem humor e, acima de tudo, cheio de bom senso. Perguntava “Quem fez as árvores? Quem acende e apaga as estrelas? O que é a minha alma? Poderia vê-la? Por que é que Deus não nos mantém sempre alegres?” Conseguia recordar o buraco onde havia vivido, lembrava-se que vinha alguém dar-lhe comida (pão e água), algém que ficava sempre por detrás dele e nunca mostrava o rosto. Chamava-lhe “*o homem*” e recordava como este o obrigava a traçar algumas linhas, letras e números.

Quando a notícia destas recordações começaram a ser do domínio público, Kaspar começou a correr perigo. A sua origem, que ainda hoje não se sabe ao certo estar ligada ao trono de Baden ou a Napoleão, punha em perigo “*o homem*” que o havia libertado por estar não acreditar que jamais Kaspar o conseguisse identificar. À cerca da sua origem há duas teorias. Mas ambas coincidem no facto de o colocarem no meio de uma intriga política. Só assim se compreende que houvesse motivos para atentar contra a sua vida. O primeiro atentado ocorre a 17 de Outubro de 1829. “*O homem*” golpeia-o na cabeça e Kaspar refugia-se numa cave escura, o que denota uma vontade de regressar ao seu local de cativeiro, onde, apesar de tudo, não corria perigo. Acaba por ser encontrado e a sua recuperação durou 22 dias. Em 1833, pouco depois de ter completado 22 anos, sofre o segundo atentado no qual é apunhalado fatalmente.

Momentos

1º Momento: Tempo de Cativo

As primeiras imagens do filme constituem a apresentação de Kaspar enquanto vítima. Kaspar Hauser (papel desempenhado por Bruno S.) surge acorrentado numa caverna onde uma figura encapotada, cujo rosto nunca se vê (e que Kaspar também não consegue ver), lhe dá pão e água. É “o homem” (representado por Hans Musaeus), o único ser humano com quem mantém contacto, que o ensina a escrever e falar. Kaspar nunca se deslocava. Só quando “o homem” decide retirá-lo do seu cativeiro é que o vai ensinar a andar. Ainda assim será às cavalitas que Kaspar vai ser abandonado na Unschlittplatz de Nuremberga. Kaspar caminha então, pela primeira vez, no sentido da sua entrada na sociedade. Mas, por isto acontecer muito tardiamente, ficará para sempre remetido a uma posição absolutamente singular.



2º Momento: Kaspar abandonado

A figura enigmática do “homem”, que representa a opressão a que Kaspar é submetido, é também o responsável pelo seu abandono na praça da cidade de Nuremberga. Aqui, Kaspar é abordado por outro homem (e qual não terá sido a sua surpresa ao aperceber-se que havia outros, para além daquele que lhe levava comida e havia colocado ali !) e submetido a um questionário que Kaspar não podia compreender. Foi objecto de curiosidade e análise por parte das pessoas da cidade e em particular pelo destinatário da missiva que transportava: o Capitão da Cavalaria do 4º Esquadrão do 6º Regimento de Nuremberga. Apesar de toda a curiosidade que os habitantes da cidade manifestaram, também sentiam que deviam ser protegidas dele e remeteram -no para um estábulo, onde procederam à sua observação.



3º Momento: O Primeiro contacto social

A carta, o rosário, as orações católicas manuscritas e os opúsculos que Kaspard trazia consigo, revelavam muito pouco sobre a sua identidade: apenas o seu nome, a data de nascimento e a indicação de que deveria tornar-se um cavaleiro tal como o havia sido seu pai, cuja identidade não era revelada. “O homem” estava tão convicto de que Kaspar não constituía uma ameaça que assegurava “podem perguntar-lhe que ele não sabe dizer”.

Procuram dar-lhe de comer e ele rejeitou todos os alimentos. Só conseguia comer pão e beber água. Analisaram-lhe os pés e detectam feridas e uma pele demasiado macia para quem estivesse habituado a caminhar. Poseram-lhe um papel à frente e ele reproduziu o seu nome.

O diagnóstico foi prontamente emitido: “este indivíduo tem o intelecto num estado de confusão tal que, com um inquérito policial, não vamos a lado nenhum.”

É então que é enviado para uma prisão onde estão vários vagabundos.

A família do guarda começa por ser o berço das suas primeiras relações sociais. Curiosamente, é uma criança, o filho do guarda, Julius, que lhe dá a primeira lição de língua, segurando à frente de Kaspar um espelho para que possa ver as diferentes partes do corpo que vai enumerando. É também essa mesma família que o ensina a comer com faca e garfo e lhe dá o seu primeiro banho. Agnes, a filha do guarda procura ensinar-lhe uma cantilena, mas as rimas ainda são muito difíceis para Kaspar. De qualquer modo, o ritmo da cantilena aproxima Kaspar do seu mundo natural. Na cena seguinte, vê-se Kaspar a brincar com um passarinho de uma forma tão natural que poder-se-ia dizer estar mais próximo do pássaro do que alguma vez conseguira estar com qualquer outro ser vivo. É significativo verificar que, dos seres humanos, eram as crianças que conseguiam chegar mais perto de Kaspar. Aquilo que Julius lhe havia ensinado acaba por ser assimilado ao ponto de Kaspar tentar ensinar as mesmas “habilidades” (andar e comer) a um gato com o qual compartilha da mesma proximidade que tem com o pássaro.

Entretanto, os adultos continuam a analisar meticulosamente o estranho Kaspar. O relatório oficial que já havia sido começado no estábulo da Cavalaria evolui, constituindo um orgulho para o seu redactor, o escrivão.



4º Momento: O circo

Começando a ser um encargo para as autoridades, Kaspar acaba por ser reconhecido como não constituindo uma ameaça. É então que é enviado para um circo. Aqui, Kaspar continua a ser vítima, mas desta vez de humilhação. É apresentado ao público como um dos enigmas universais. São eles, um anão, o pequeno rei, um personagem claramente infeliz, cuja pequenez é o estigma da sua anormalidade; a criança prodígio, o jovem Mozart, uma criança que aprendeu música mas que se recusou a ir à escola e que, por isso, foi marginalizada; o Hombrecito, um índio que constitui atracção só por ser oriundo de uma cultura diferente e Kaspar, o enjeitado, cuja proveniência não pode ser estabelecida. Estamos perante uma colecção de seres humanos que, por motivos distintos, marginalizados e que, por essa razão, são exibidos num espectáculo deprimente enquanto bizarrias da espécie humana, espécimes que se aproximam assustadoramente dos limites ínfimos da humanidade. Por isso o público que Herzog retrata está entre o curioso e o consternado, entre o surpreendido e o aterrado. Não o divertido.

Mas Kaspar e os seus colegas insurgem-se e fogem do circo. E este sim consegue ser um momento divertido. As pessoas que correm atrás deles gritam: “Parem em nome da lei”. Não percebem que é precisamente da lei que eles fogem. Como se a lei, em nome da qual eles são marginalizados, pudesse ser invocada para os fazer regressar. Herzog consegue com esta cena transmitir magistralmente a ideia de que, enquanto atracções, os “quatro enigmas do universo” não constituem um bom entretenimento. Pelo contrário, são aqueles que supostamente são normais que conseguem divertir o espectador quando evocam “a lei” para fazer parar Kaspar e os seus amigos. No fundo, é a própria lei que é risível.

Daumer (Alfred Edel), o professor, é uma das pessoas que corre atrás das atracções em fuga. Mas, ao contrário dos outros, é motivado pelo interesse que Kaspar lhe despertou. O professor acaba por o encontrar escondido numa cabana cheia de abelhas. Antes mesmo que o professor lhe coloque alguma pergunta, Kaspar diz: “Como cavaleiro quero voar, num combate sangrento!”





5º Momento: Com o Professor Daumer

Há, neste momento do filme um salto de 2 anos. Apercebe-mo-nos disso no diálogo inicial. Enquanto o jovem Florian (que ficou cego após toda a sua família ter morrido num acidente) toca piano, Daumer e Kaspar assistem em silêncio. Quando Florian termina, Kaspar vira-se para a janela que está por detrás dele, a chorar, e diz: “Fico sensibilizado! A música sensibiliza-me! Sinto-me inesperadamente velho!”. Ao que o professor Daumer responde: “Mas Kaspar, estás há tão pouco tempo no mundo! Ainda tens tudo à tua frente!”. Kaspar pergunta então: “Porque é que é tudo tão pesado para mim? Porque é que não se consegue tocar piano como se respira?”. Daumer procura tranquilizá-lo respondendo: “Repara Kaspar. Já aprendeste tanta coisa nestes dois anos, desde que te adoptei. Agora, com a tua idade, tens de recuperar tudo, porque antes nunca estiveste no meio das pessoas!”. Kaspar, responde prontamente: “As pessoas são como os lobos!”. Daumer contra argumenta: “Não se pode dizer isso assim. Olha para o jovem Senhor Florian, que mora por cima de nós. Depois de toda a sua família ter morrido num acidente, ele ficou cego, mas não se queixa! Toca piano o dia inteiro e, ainda que o faça de uma maneira que não é habitual, não tem importância.”





6º Momento: Kaspar começa a recordar

Faz-se novamente um salto, mas desta vez espacial, para o exterior. Kaspar manifesta admiração pela altura da torre onde esteve preso e diz que o homem que a construiu devia ser muito alto. O professor tenta explicar-lhe que o homem não precisa de ser alto para construir uma grande torre. Mas a noção de perspectiva de Kaspar não lhe permite aceitar a explicação do professor. Ele acha que, uma vez que o quarto só tem alguns passos de largura, quando estava dentro dele, só via quarto (fosse qual fosse a direcção em que olhava). Agora que tem a torre à sua frente e a considera tão grande, não percebe porque esta desaparece quando se volta de costas. Conclui então que o quarto tem que ser maior que a torre. Kaspar utiliza esta argumento para negar que esteve preso dentro daquela torre mas, com a descrição que faz do quarto em que viveu aprisionado, acaba por se recordar desses dias de cativo.



7º Momento: Como Kaspar entende o mundo

Mais uma vez o filme muda de cenário. Kasper está a tomar chá com os clérigos. Estes procuram averiguar se Kaspar teria pensado, no seu tempo de cativo, em alguma entidade superior (Deus). Kaspar responde-lhes: “Não percebo essa pergunta. No meu cativo não pensei em nada e não posso imaginar que Deus, a partir do nada, tivesse criado tudo, da maneira como mo disseram!”. Desesperados e sem forma de argumentar mais, os clérigos dizem-lhe: “Tens de acreditar! Os princípios da fé transcendem a vida dos mortais.”. Kaspar replica, muito sensatamente: “Tenho de aprender melhor a ler e a escrever para poder compreender o resto.”.

A cena seguinte mostra Kaspar, no jardim onde Daumer e o pastor Fuhrman apanham maçãs. “Deixem as maçãs deitadas, elas estão cansadas e querem dormir”. Daumer procura então contrariar o natural antropomorfismo de Kaspar explicando que as maçãs

não são seres humanos: “as maçãs não têm vida própria, elas seguem a nossa vontade”. Simultaneamente faz rebolar uma maçã que o clérigo deveria fazer parar com o pé. Mas, por circunstâncias particulares, a maçã salta por cima do pé. O acontecimento é de imediato aproveitado por Kaspard que observa: “maçã esperta, saltou por cima do seu pé e fugiu”. Digamos que Kaspard acredita mais nas evidências empíricas do que naquilo que os outros lhe tentam racionalmente mostrar. Herzog faz esta distinção de tal forma que os argumentos de Kaspard conseguem parecer muito mais sensatos e lógicos do que os que são apresentados pelos diversos personagens que representam a racionalidade social.

Outro momento proposto pelo realizador para demonstrar isso mesmo acontece quando um professor de lógica confronta Kaspard com um dilema. Um homem está num cruzamento entre 2 caminhos. Um dos caminhos conduz a uma povoação de mentirosos e o outro conduz a uma povoação de pessoas que só dizem a verdade. Kaspard deve colocar uma única pergunta a esse homem para perceber de que povoado ele vem e qual o caminho que deve tomar. Kaspard fica em silêncio. Ao seu lado, uma criada revela a sua incapacidade para resolver o dilema. O professor acaba por dar a solução técnica explicando que “através de uma dupla negação, um mentiroso é forçado a dizer a verdade... É a isso que eu chamo lógica, afirma, o caminho de argumentação em direcção à verdade”. Porém, quando o problema parece resolvido, Kaspard apresenta uma solução alternativa: “pergunto ao homem se ele é uma rã. O homem mentiroso iria responder que sim, mas um homem que só falasse a verdade diria não”. O professor de lógica procura então, e em vão, demonstrar que a argumentação de Kaspard é menos válida e ser abandonada afirmando “a lógica é educação, não é descrição. O que fizeste foi descrever qualquer coisa, não deduzi-la ... Compreender é secundário: o raciocínio formal é que é importante.”.



8º Momento: A festa de Lorde Stanhope

Este é o momento que marca o apogeu de ascensão da vida social de Kaspard e, ao mesmo tempo, aquele que assinala mais uma rejeição a que Kaspard vai ser sujeito. Daumer informa Kaspard que um Lorde inglês, sua senhoria o Conde Stanhope, se encontra na cidade e está muito interessado em Kaspard. Tem, inclusivamente, a intenção de o adoptar e levar para Inglaterra, caso Kaspard lhe cause boa impressão.

Mas, mais uma vez, Kaspar é apresentado como a atracção da festa. Perguntam-lhe como foi a sua vida no tempo de cativo. Kaspar responde prontamente: “Melhor que cá fora”. Todos ficam surpreendidos, mas é Lorde Stanhope que replica: “Mas tu estás bem aqui Kaspar e todos gostam de ti!”. Kaspar responde: “Sua Excelência! Nada existe em mim a não ser a minha vida!”. Lorde Stanhope insiste: “Mas, Kaspar, existe muito mais em ti... Fizeste tantos progressos na música e isso já é alguma coisa, é algo que educa e enaltece os nossos sentimentos.” Nesta altura, Kaspar pede para tocar piano mas começa a sentir-se mal pelo que acaba por ser conduzido a uma sala onde é deixado sozinho, para recuperar. Pouco tempo depois, Stanhope é chamado à sala onde se encontra Kaspar a tricotar e, muito indignado, pergunta-lhe: “O que é essa actividade inculta? Não consegui ficar com uma boa impressão.” E olhando para Daumer continua, “O tempo foi aparentemente muito curto para eu fazer um juízo real.”, o que é uma clara indicação de que não tenciona levar Kaspar com ele para Inglaterra.



9º Momento: O primeiro atentado

Tanta curiosidade e alarido em redor de Kaspar começam a colocá-lo de forma a constituir uma ameaça!

Kaspar é atacado pelo “homem”. Apesar de o ver aproximar-se, Kaspar não reage gritando ou protegendo-se. Limita-se a deixar que “o homem” o golpeie várias vezes na cabeça. Mais ainda, uma vez ferido, Kaspar não pede ajuda. Procura abrigo na cave da casa de Daumer. Este é certamente o sítio ao seu alcance mais parecido com o seu cativo. Há por isso a manifestação de uma clara vontade de voltar para o seu “lugar natural” onde não era atormentado pelos homens, nem pelas suas ideias e invenções, nem pelas suas agressões.

O professor Daumer e a senhora Kaethe acabam por o descobrir e cuidam dele. No leito onde convalesce, Kaspar não adianta nada sobre o atentado, mas diz que quer acrescentar uma coisa. Diz: “Vi o mar! Vi uma montanha... e muitas pessoas que subiam à montanha... como se fosse uma procissão. Havia muito nevoeiro. Não podia ver nitidamente. E lá em cima estava a morte!”



10º Momento: O segundo atentado

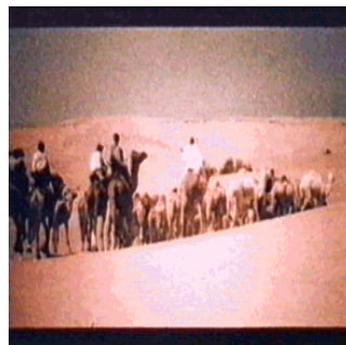
O segundo atentado verifica-se pouco tempo depois. Após ser apunhalado, Kaspar corre ao encontro de Daumer e ainda consegue mostrar-lhe o lugar onde tudo se passou, bem como contar-lhe que “o homem” (desta vez identifica o atacante) lhe deixou um saco. O saco continha mais um intrigante bilhete. Dizia apenas que Kaspar o podia identificar e que, “para lhe poupar trabalho” lhes diria como se chamava: M. L. O. Este segundo atentado deixa apenas uma coisa bem clara: a origem de Kaspar era um assunto demasiado melindroso para se poder correr o risco de ser descoberta. A única forma de manter o segredo era a morte de Kaspar.



11º Momento: Últimas palavras

No leito de morte, Kaspar é chorado (ainda que sem lágrimas) por aqueles que chegaram mais perto dele. Estavam presentes a mulher do guarda, Mãe Hiltel e o filho, Julius, Daumer, a senhora Kaethe, Florian e os padres que lhe ministravam a extrema unção. Quando lhe perguntam se queria revelar algo “que lhe estivesse a pesar no coração”, Kaspar disse apenas que tinha uma história, mas apenas sabia o começo” Desta vez ninguém impediu que Kaspar contasse a sua enigmática narrativa incompleta “É sobre uma caravana e o deserto...”. “Vejo uma caravana grande que vem do deserto, através da areia... E esta caravana é conduzida por um velho berbere. Este velho é cego. A caravana para, porque alguns pensam que se enganaram, porque vêm montanhas à sua frente. Eles medem com o compasso e não sabem como continuar. Então, o guia cego pega numa mão cheia de areia, prova-a como se fosse comida. ‘Meus filhos’, diz o cego, vocês estão enganados, isto aqui à nossa frente não são montanhas. É unicamente a vossa imaginação. Vamos continuar para norte.’ Sim, e depois seguem, sem hesitação e chegam à cidade. E é aí que começa a história. Mas como continua a história nessa cidade, eu não sei... Agradeço por me terem ouvido. Agora, estou cansado”.

Estas são as últimas palavras de Kaspar no filme.



12º Momento: As últimas imagens

Na morgue é feita uma autópsia ao corpo de Kaspar. Analisado o seu cérebro cuidadosamente. No relatório, pode ler-se: .

“anormalidade no cerebello no sentido de um sobre-desenvolvimento. Deformidade no hemisfério cerebral esquerdo que não cobre suficientemente o cerebello.”

Contente com estas conclusões, o escrivão regressa a casa dizendo: “Vou escrever na acta que descobriram deformidades no Hauser. Finalmente conseguimos ter uma explicação para este homem estranho, a melhor que podíamos arranjar!”



Comentário ao Filme

“...*What is a man
If his chief good and market of his time
Be but to sleep and feed? A beast, no more.*”

Shakespeare, *Hamlet*, IV, 4

O filme “O enigma de Kaspar Hauser”, assim como todos os outros relatos de crianças ditas “selvagens”, levanta uma questão muito importante: O que é a natureza humana? Qual a essência ou a condição própria do homem? Quais são as características próprias ao homem que o caracterizam enquanto tal?

O trabalho de alguns grandes pensadores e homens de ciência, entre eles Darwin, permitem-nos distinguir “variabilidade das espécies” de “variabilidade social”. No que respeita a estruturas biológicas, o homem actual não se destingue do homem da Grécia antiga, isto é a “variabilidade na espécie” não é significativa ou é nula no lapso de tempo considerado. Já no que respeita aos produtos das interacções entre os indivíduos, e entre os indivíduos e a sociedade, tanto os indivíduos como as sociedades têm variado muitíssimo. Dito de outra forma, entre um homem da Grécia antiga e um homem dos dias de hoje há uma enorme “variabilidade social”. Podemos por isso afirmar que, enquanto espécie animal (ambos, homem da Grécia antiga e homem do presente, pertencem ao género *Homo* e à espécie *sapiens*). No entanto, não existe uma natureza humana como algo definido e estável. Homem da Grécia antiga e homem actual são indivíduos humanos muito diferentes, quer em termos das sociedades em que vivem, quer no trabalho que desenvolvem, nos valores que defendem, nas crenças, nas atitudes e gostos, etc.). De igual forma, a vida de um indivíduo enquanto espécie mantém-se inalterada através do tempo. Já a sua natureza enquanto ser pertencente a uma sociedade humana e interagindo com ela vai-se alterando. Ela é o produto da educação entendida esta da forma mais ampla, como o conjunto de todos os meios de acção permanente que durante a vida de um indivíduo, ou parte dela, o modificam e estruturam enquanto pessoa. Daqui a dualidade da natureza do homem: animal, por um lado, ou seja, ser natural, como concluiu Darwin, e social, ou seja, ser histórico, como demonstrou Marx. A natureza humana na globalidade deve então ser entendida como o conjunto desta dualidade animal-social. Isoladas, estas duas faces da natureza humana nada significam por si.

Esta natureza humana é simultaneamente causa da nossa debilidade e susceptibilidade mas é também o índice de indefinidas possibilidades. O homem é um animal em qualquer situação e momento por um natureza dada, mas é também o mais versátil de todos os animais pela sua natureza adquirida. À luz destas considerações talvez possamos entender melhor a resposta dada por Kaspar quando lhe pedem, na festa de Lorde Stanhope, que lhes conte como foi o seu tempo de cativo. Afirmou ele então: “Nada existe em mim a não ser a minha vida!”. Tendo sido privado do normal contacto com os homens e o mundo social, Kaspar sentia que estava “incompleto”. É porventura por isso que afirma que nada há nele para além da vida, como se quisesse dizer: só tenho de humano aquilo que biologicamente me caracteriza enquanto um: a vida. O mesmo sentimento pode ser notado quando os clérigos lhe perguntam se, no seu cativo, não tinha pensado numa entidade superior (Deus). Kaspar afirma então que,

no seu cativeiro, não tinha pensado em nada porque aí, Kaspar era apenas *Homo*; tinha as características biológicas próprias á espécie humana mas, porque não tinha qualquer contacto com a história do mundo humano, a sua natureza estava incompleta.

A tese defendida por Herzog é a de que o o homem, ao nascer é como uma tábua rasa na qual nada está escrito (*tabula rasa in qua nihil est scriptum*), que só adquire conhecimentos através da experiência que lhe vem unicamente dos sentidos (*nihil est in intellectu, nisi prius fuerit in sensu*). Mas, se o homem é uma “tábua rasa onde nada está escrito”, se a educação consiste “numa acção exercida por um ser humano sobre outro ser humano - mais frequentemente, por um adulto sobre uma criança”¹, porque é que se não consegue fazer destas crianças selvagens, crianças humanas semelhantes aos outros? Será correcto supor que, uma vez afastados da sua condição humana pela privação daquela parte da mesma que se constrói quando se é muito pequeno, o caminho da aquisição dessa “natureza adiada” é muito mais tortuoso, difícil, impossível mesmo? A resposta dada por Herzog pode ser encontrada nas palavras trocadas entre o professor Daumer e Kaspar quando ouviam Florian tocar piano. Kaspar diz estar sensibilizado. Afirma sentir-se velho (será já muito tarde para ele aprender?) e diz não perceber porque é que é tudo tão pesado para ele (Será o caminho da aquisição da “natureza adiada” mais difícil de percorrer?). Conclui perguntando: “Porque é que não se consegue tocar piano como se respira?” A resposta a esta última pergunta pode agora ser melhor compreendida. É que respirar é um acto inerente à natureza biológica do animal humano; tocar piano é um acto inerente à natureza adquirida pelo contacto com o mundo humano, através da educação. O professor Daumer pode não ter a resposta que nós (e Kaspar) procuramos. Mas sabe que o seu discípulo tem que se esforçar por recuperar o enorme atraso, a falta, a falha imensa da sua vida de humano que decorre unicamente de ter sido privado de viver entre outros humanos., de não podido partilhar do seu convívio, de não per podido aprender com eles esse património imenso que foi sendo historicamente construído e no seio do qual a música (e o piano) foi inventada.

Kaspar é assassinado. Para além de o terem privado, durante muitos anos, da natureza que se constrói, acabam também por o privar da única natureza que detinha plenamente: aquela que nos é “oferecida” pelo simples facto de nascermos, a vida. Incapazes de assumir a culpa por ambos actos, os homens que o conheceram procuram explicações para a sua singularidade. A morte física é explicada pela intriga política à volta de Kaspar e, apesar de condenável aos olhos da Justiça, é atribuída a um indivíduo, não a uma comunidade em geral. É atribuída a “*um homem*” e não *aos homens* que não aceitam assumir quaisquer responsabilidades. O enigma de kaspar (que o perseguiu durante toda a sua breve vida) de “enjetado” acabou por ser atribuído a uma anormalidade cujas marcas se procuraram na autopsia. Assumir que, afinal, eram humanos que tinham tido responsabilidade pelo seu destino era uma ideia intolerável. Tinha que haver uma explicação para o caso de Kaspar que ilibasse os homens de qualquer responsabilidade. essa explicação só poderia por isso residir no próprio Kaspar, na sua constituição inata, na natureza física, animal, não naquela que lhe deveria ter sido providenciada pelos outros humanos. Por isso o filme termina com a frase: “Finalmente conseguimos ter uma explicação para este homem estranho, a melhor que podíamos arranjar!”.

¹ “O PENSAMENTO EDUCATIVO CONTEMPORÂNEO (Introdução); tradução de Artur Magalhães Duque. Revisão de Olga Pombo.

Finalmente, e para concluir, apenas acrescentar que o estudo de casos como o de Kaspar Hauser pode significar um avanço (ou não) na compreensão do humano mas, de qualquer forma, é uma oportunidade extremamente enriquecedora no entendimento que podemos ter de nós mesmos enquanto *educadores* e daquilo que podemos fazer (mais uma vez, ou não) com aqueles em cuja educação iremos ser chamados a participar. Os casos das crianças selvagens podem ser comparadas a experiências crucias, experiências limite, das quais é importante retirar tantas aprendizagens (não necessariamente conclusões) quanto possível. É aqui que o papel da educação no sentido de *ex-ducere* é mais importante. O educador deve proporcionar tudo o aquilo que tornará o educado num ser pleno de natureza humana (a biológica e a social ou histórica).

Conclusão:

O título do filme merece-nos algumas considerações. Pensamos, nesta altura, que o seu significado, à luz de tudo o que foi dito, pode estar próximo daquilo que se explica de seguida.

“**Cada um por si**” - a natureza *de* cada um (porque a natureza humana é diferente em cada ser humano devido ao seu carácter histórico) tem que ser desenvolvida *em* cada um. Apesar de podermos ter quem nos guie, quem nos oriente, quem nos ensine, quem nos eduque e quem nos instrua, viver é um caminho que só pode ser percorrido pelo próprio. Estamos sózinhos nessa caminhada.

“**Deus contra todos**” - a natureza que nos é dada nos faz de nós seres totalmente humanos. Por isso somos muito mais vulneráveis que qualquer outro ser. Adquirir toda a natureza humana constitui uma etapa pela qual mais nenhum outro ser tem que passar. Há portanto uma batalha que Deus nos obriga a travar e é neste sentido que Deus está do outro lado.

Kaspar pode ser entendido como um personagem que desempenha o papel da humanidade. Entregue a si mesmo e sujeito à oposição que Deus oferece.



O caso de Kaspar Hauser constitui uma fonte preciosa de informação sobre o homem e sobre a educação. Podemos procurar muitas respostas como aquelas que aqui foram discutidas. Mas, acima de tudo, o que é importante é que seja possível aprender com ele. Kaspar dizia no filme: “Tenho de aprender a ler e a escrever melhor para poder entender”. Sigamos o seu exemplo. Continuemos a ler, a escrever, e aprendamo-lo a fazer melhor para podermos entender melhor, para podermos encontrar cada vez mais respostas, para nos tornarmos sensíveis para novas inquietações.

Muitas das reflexões que aqui se expõem deveriam ser enriquecidas, e provavelmente, contêm algumas incorreções que lamentamos. Ainda estamos no caminho da construção do nosso saber sobre os assuntos que foram objecto de análise. Esperamos ter dado alguns passos nesse sentido.

Bibliografia

Merani, Alberto L. - Natureza humana e educação, Lisboa: ed. Notícias, 1978.

Malson, Étienne - As crianças selvagens, (trad. port. de Carlos Cidrais Rodrigues), Porto: Livraria Civilização, 1967.

Shattuck, Roger - The forbidden experiment- The Story of the Wild Boy of Aveyron, Nova York: Kodansha Globe, 1994

Microsoft Cinemania '95

The original tradition: New german film - '95 Edition